

## O DOCE MITO DA PRINCESA DO SUL

Sabrina Rieckel Ramalho<sup>1</sup>

Ao caminhar pelas ruas de Pelotas não percebia as fachadas históricas e sua arquitetura genialmente e especialmente construída para encantar seus moradores. Através dos seus casarões e monumentos, podemos resgatar toda uma essência de uma sociedade aristocrata burguesa que constituiu com seus costumes refinados e pomposos um dos maiores mitos da Princesa do Sul<sup>2</sup>.

A pressa e a rotina tomam conta de um morador de sua cidade que passa a não observar ou não valorizar o que tem de mais belo e de mais valioso. Somente o afastamento nos proporciona uma reflexão, uma mirada romântica e saudosista. O saudosismo que sinto, talvez não seja o mesmo sentido por Gonçalves Dias por sua<sup>2</sup> terra em que cantam sabiás, nem o mesmo sentimento de Borges por sua Buenos Aires, nem mesmo o de Ramil por sua Satolep, mas representa apenas um olhar diferente que me permite traçarem estas linhas.

O que é ser pelotense? Muito mais que uma naturalidade toda cidade, estado ou país imprime certa identidade ao seu ser. Vai muito além de uma digital registrada e um número identificador. O sentimento de pertencimento está arraigado ao nosso íntimo mais profundo. O simples ato de reunir amigos para tomar um chimarrão na Praia do Laranjal, caminhar pelo Trapiche contemplando a Lagoa dos Patos, tomar um chá da tarde em uma doçaria ou um pingado no Café Aquarius observando os senhores com seus paletós mofados e suas botas muito bem lustradas por engraxates quarentões que se atualizam entre as rodas de conversa, um gole de café e folhadas no Diário Popular - quem sabe reconheça alguém na coluna social ou no Espeto Corrido. Sentir o cheiro de livros antigos pelas escadarias de mármore da biblioteca pública, onde outrora, sob o olhar de lustres magníficos me intimidavam em minha simples pesquisa para o ensino fundamental. Recordar as peças assistidas no Teatro Sete de Abril, as formaturas no Teatro Guarany e os casamentos presenciados e que tiveram como testemunhas as magníficas pinturas de Aldo Locatelli na Catedral. Rememorar os tão aguardados bailes de debutantes nos grandes clubes da cidade: Brillhante, Diamantinos e o meu *debut* no Clube Caixerai. São muitas lembranças e sentimentos que se misturam e que me fazem experimentar certo saudosismo.

---

<sup>1</sup>Mestranda em Teoria da Literatura pelo PPGL da PUCRS.

<sup>2</sup> Nome historicamente atribuído à cidade de Pelotas.

Se este sentimento saudosista me faz lembrar o quanto há de maravilhoso na bela Princesa do Sul também me faz experimentar um olhar crítico sobre a mesma. Pelotas que teve a origem de seu nome devido às embarcações de varas corticeiras forradas de couro, usadas nas travessias no Canal São Gonçalo na época das charqueadas – época em que possuía destacada produção de charque e que era enviado para todo Brasil, e fez a riqueza da cidade em tempos passados e também época em que habitaram na cidade, nove barões, dois viscondes e um conde, o que colaborou para denominar a sua sociedade como a Aristocracia do Charque, ou ainda como os Barões da Carne-Seca -é hoje uma cidade de poucas expectativas. A latente crise econômica e social e o crescente polo na área da educação fez com que a cidade seja hoje cenário de inúmeras instituições acadêmicas. Centenas de estudantes retiram da Princesa seus últimos suspiros e assim como eu, deleitam em seus ensinamentos e os aplicam em outros lugares. O que restou da elite do charque? Um misto de nome, sobrenome, status e torpeza – que no Diário Popular ostentam sua “riqueza”. Uma cidade que possui uma classe acadêmica ascendente e uma classe proprietária e proletária decadente.

É também quando estamos de fora que percebemos o quanto somos estereotipados e o quanto somos “esteriotipistas”. Isso é natural de todo ser-humano, pois tentamos nos encaixar nas nossas singularidades e não nas nossas diferenças. Quando buscamos uma imagem, um rótulo ou um perfil traçado, em realidade buscamos traços que nos aproximem do outro que se apresenta. Quem é o outro? Todo aquele que é diferente de mim e que não compartilha dos mesmos sentimentos, da mesma variante, das mesmas lembranças, da mesma cultura. O diferente sempre é o outro.

A Princesa do Sul é conhecida por ser a cidade do doce, mas também é a cidade dos homens “doços”, talvez haja certa semelhança entre estes rótulos, no entanto o nível de doçura não pode ser medido pelo comportamento afeminado dos homens nem tão pouco as calorias quecada doce possui. O rótulo de “cidade dos gays” não se deu aleatoriamente, razões históricas, sociais e comportamentais fizeram com que esse conceito se tornasse um mito.

O senso comum entende o significado de mitos como sinônimos de lendas: histórias fantásticas envolvendo deuses, monstros e heróis. Academicamente, porém, essa acepção não é apropriada. No âmbito folclorístico é que encontramos a maior semelhança: o mito é uma história sagrada, ambientada em tempos ancestrais e que tentam, de alguma maneira, explicar o mundo e o ser humano. Em outros campos, porém, esse significado não é utilizado.

É o caso da semiologia, em especial do francês Roland Barthes. No livro Mitologias, ele as define como algo muito mais complexo e vivo: são sistemas de símbolos que nos são

transmitidos pela sociedade em que nos inserimos e que são fundadores – ou, ao menos, sustentadores – de tradições e comportamentos.

Pensar no mito a qual Pelotas está imersa é ponderar sobre sistemas que distorcem a percepção da realidade para justificar certos comportamentos. Deste modo, o mito fundador acaba por gerar estereótipos. Tais estereótipos em que Pelotas foi e é traçada pelos seus irmãos gaúchos e pelos seus irmãos brasileiros faz-me ponderar sobre a ideia de Barthes de que “o mito é uma fala”.

[...] o mito é um sistema de comunicação, uma mensagem. Eis porque não poderia ser um objeto, um conceito ou uma ideia: ele é um modo de significação, uma forma. [...] já que o mito é uma fala, tudo pode constituir o mito, desde que seja suscetível por um discurso. (BARTHES, 1980, p. 199)

Fazendo uma reflexão a cerca do conceito de mito como fala/mensagem de Barthes, farei um recorrido na história da cidade até a atualidade para que possamos analisar se havia ou se ainda há um discurso que corrobore a tradição de Pelotas em ser considerada uma cidade de gays.

## **1A história da formação e representação de um mito**

No final do século XIX o Rio Grande do Sul caracterizou-se como sendo um estado de atividades pastoris. A mescla de campos planos e uma condição climática hostil é uma breve descrição do que é a Pampa. Esse contexto deu contornos ao desenvolvimento de um ser humano apto a resistir às mais extremas agruras. Desse modo, a soma da figura do índio ali estabelecido com o europeu que lá fincou pé gerou o mais ilustre representante da zona pampeana: o gaúcho.

Em meio a este contexto regional, Pelotas crescia e desenvolvia-se em âmbito político e econômico com a indústria do charque. De acordo com Magalhães (1993), a ascensão experimentada pelos pelotenses constituiu, na época, um fator preponderante para a geração de riquezas e que acabou por transformar Pelotas em uma espécie de centro cosmopolita.

Desta forma, charqueadores e estancieiros foram contemplados com o acúmulo de fortunas, bem como prestígio social e político. Dado o momento, as famílias mais favorecidas valeram-se do cenário de prestígio e riqueza e enviaram seus filhos à Europa, principalmente à França, para que eles realizassem seus estudos nas maiores e melhores instituições de ensino europeias. Durante os estudos os filhos dos charqueadores experimentaram contato com as boas maneiras, com as artes, com a literatura, com a música clássica, entre outros.

Ao retornarem para a cidade foram considerados afeminados, devido aos seus novos hábitos sociais e costumes europeizados. Adotaram maneiras diferenciadas de trajar-se, no estilo de portar-se, no modo de falar, além de pomposidades no estilo de residir e receber, corte aristocrático e atitudes cavalheirescas. Maneiras muito distintas se comparados ao modo de vida do restante da população riograndense.

Nesta época também outro elemento ganhou destaque na sociedade pelotense: o doce. A associação de três elementos distintivos fez com que, mais tarde Pelotas recebesse o título de “Capital do doce”: os primeiros charqueadores a se estabelecerem na cidade eram portugueses e transportaram consigo a predileção doceira; tal costume foi transmitido aos filhos que dotados de riqueza exercitaram o requinte social – promoveram festas, banquetes e saraus, em que os doces eram servidos; por fim, a ótima condição social e a prosperidade industrial permitiram que tivessem fácil acesso na importação do açúcar do Nordeste.

Essas distinções foram, ao longo do tempo, cada vez mais sendo reforçadas nos depoimentos de viajantes que estiveram ou se estabeleceram na cidade e que inevitavelmente traçaram comparações ao estilo de vida refinado e luxuoso dos moradores da cidade em relação ao restante do estado. Magalhães traz um exemplo de um jovem oficial alemão Carl Seidler em visita a Pelotas em 1827:

Esta localidade distingue-se vantajosamente das outras cidades [do Brasil] pelos bonitos arredores, bem como pela riqueza dos seus habitantes. Tanto aqui como no RioGrande há muitos europeus, que possuem importantes estabelecimentos e que certamente pela influência do seu dinheiro e de sua cultura têm contribuído consideravelmente para que os habitantes tenham mais civilização e mais gosto pela vida social e mais trato amigável do que nas outras regiões. (MAGALHÃES, 1993, p. 47)

O refinamento e os modos civilizados dos habitantes da cidade fez com que seus visitantes estrangeiros pudessem comparar Pelotas a Paris. Magalhães apresenta o relato do francês Nicolau Dreys, em 1839:

[...] a par do carro popular, tosca testemunha da antiga indústria local, anda ligeiro carrinho de construção europeia, como também entre os cavalos arreados de prata, luxo especial dos homens do país, aparecem ginetes ricamente ajazados com selins bordados por mãos inglesas e montados por senhoras que não cedem em elegância e boas maneiras as mais graciosas parisienses. (ibid., 1993, p.51)

A partir dos depoimentos citados podemos traçar um paralelo evidente com relação às distinções atribuídas entre Pelotas e as demais regiões. Uma marca distintiva foi cunhada devido ao fato da cidade possuir um espaço urbanizado e sofisticado, em relação ao restante do estado que era visto como a Região dos Pampas um espaço rural e rústico. No entanto, esta

mesma marca pode ser atrelada a um conceito de masculinidade um tanto quanto alocado e que atuou de modo a segregar o dessemelhante; em outras palavras, os requintados valores ora cultivados, foram considerados demonstrações de “delicadeza”.

## **2A consolidação de um mito**

Se tudo não passa de uma representação de um momento histórico que a cidade viveu, por qual motivo Pelotas continua sendo apontada como “cidade dos gays”? Para Barthes (1980, p. 200): Certos objetos permanecem cativos da linguagem mítica durante certo tempo, depois desaparecem, outros o substituem, sendo elevado ao mito. Este é o caso da fama da cidade em possuir homens refinados e educados ter sido elevada à categoria de mito. Para o teórico o mito é um discurso que age sobre outro discurso, alterando-o: “Tudo se passa como se o mito deslocasse de um nível o sistema formal das primeiras significações”. (BARTHES, 1980, p. 205). O mito impõe ao signo um novosignificante e significado, gerando, assim, outro signo. Desta forma, ele aponta que no mito existem dois sistemas semiológicos: o primeiro é o da língua, em que o signo tem, desde Saussure, significante e significado; o segundo é o do mito, que produz outro significante e significado a esse primeiro signo. Esse novo signo mantém, como se verá, semelhanças com o signo do qual se derivou.

Tais conceitos acerca de significante e significado justificam o fato de o comportamento dos homens pertencentes à sociedade pelotense no século XIX, ser estendido à atualidade. Outro significante foi produzido pelo discurso histórico, tendo em vista que o comportamento ora representativo de homens requintados e delicados busca outro referente.

### **HOMENS REFINADOS, AMIGÁVEIS = HOMENS AFEMINADOS = GAYS**

Como percebemos o mito também se caracteriza por ser um discurso gerado pela História. É ela que transforma o real em discurso, isto é, que interfere no modo com que entendemos a realidade. Para Barthes, “Longínqua ou não, a mitologia só pode ter um fundamento histórico, visto que o mito é uma fala escolhida pela história: não poderia de modo algum surgir da “natureza” das coisas.”(1980, p. 200).

Uma vez que os mitos são produtos da História, não há rigidez nos seus conceitos, já que eles tornam-se maleáveis de acordo com o discurso que assumem e os interesses que o formaram. Os interesses ou motivações que formaram o mito devem-se ao fato de que na língua, o signo é arbitrário. Deste modo, são as relações associativas da palavra

motivadora(refinamento, amabilidade) que demonstram fatalmente uma analogia com a palavra motivada (afeminamento).

Se o mito é uma fala, essa fala embora altere o seu objeto, não esconde essa distorção. “O mito é uma fala roubada e restituída” (BARTHES,1980, p. 217). Sendo assim, o discurso que se restitui não é exatamente o mesmo que foi roubado. O mito desloca, portanto o signo para outro nível. Ele se apropria do que lhe interessa, selecionando certos elementos em detrimento de outros. Ele mantém um elo com o signo, sem o extinguir, apenas deformando-o. Para o teórico o mito “tem como função deformar, não fazer desaparecer”(BARTHES, 1980, p. 213).

Além disso, há um discurso reiterado que reforça o mito. Em uma busca on-line rápida encontramos diversas fontes que ratificam o mito. Seja no campo político, através de um vídeo do ex-prefeito Marroni e o ex-presidente Lula<sup>3</sup> ou na ênfase da notícia em destacar a preferência sexual de um pré-candidato a vereador nas eleições<sup>4</sup> ou ainda, na intitulação de outro candidato com o nome de “Capitão Gay”<sup>5</sup>; ou seja no campo humorístico com notícias que ironizam e fazem graça com o mito<sup>6</sup>. Além disso, para Barthes em seu livro “Rumor da língua” o mito é próximo daquilo a que a sociologia durkheimiana chama uma “representação coletiva”.

Desta forma, “[...] deixa-se ler nos enunciados anônimos da imprensa, da publicidade, dos objectos de consumo de massa; é um determinado social, um “reflexo”. (BARTHES, 2004, p. 63, grifo do autor)<sup>7</sup>.

Para Barthes, esta repetição do conceito por meio de formas diferentes é preciosa para o mitólogo, pois é uma forma de decifrar o mito. É através da insistência num comportamento que entendemos sua intenção. E essa intenção fez com que, de certa forma, a

cidade ganhasse destaque nacional, seja pela sua representação como “Cidade dos Doces” legitimada pelo surgimento de um evento de âmbito nacional e que atrai diversos turistas à cidade – a FENADOCE – Feira Nacional do Doce, seja pela sua representação como “Cidade dos Gays”, legitimada pela criação de um mito fundador.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=AAz4HNsiWac>>. Acesso em 05 julho 2013.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://mixbrasil.uol.com.br/pride/politica/pelotas-tem-pre-candidato-gay-a-vereador-pelo-psb.html>>. Acesso em 05 julho 2013.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT396558-1662,00.html>>. Acesso em 07 julho 2013.

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://obairrista.com/politica/2013/06/marco-feliciano-aprova-projeto-da-cura-gay-e-pelotas-promove-passeata/>>. Acesso em 07 julho/2013.

### 3A criação e a destruição de estereótipos

A ideia do mito na contemporaneidade traça mutações na natureza do que é considerado cultural – o social, o ideológico, o político, o costume e etc. Dessa forma todo comportamento de um homem de Pelotas é relacionado ao mito, criando um estereótipo. Barthes define:

O estereótipo é em geral, triste, pois é constituído por uma necrose da linguagem, uma prótese que vem colmatar um buraco de escrita; mas, ao mesmo tempo, não pode deixar de suscitar uma imensa gargalhada: toma-se a sério; julga-se mais perto da verdade porque indiferente à sua natureza de linguagem: é ao mesmo tempo gasto e grave. (ibid., 2004, p. 270)

A definição do teórico é crucial. Mediante a uma falta na linguagem, a uma falha dos atos de comunicação aliada à ausência de informação o falante se apropria de um discurso “pronto” e tido como verdadeiro para preencher o vazio de sua ignorância sobre o assunto. Desse modo: baiano é preguiçoso, carioca é malandro, gaúcho é macho e pelotense é gay.

Para Barthes:

O mito contemporâneo é descontínuo: já não se enuncia em grandes narrativas constituídas, mas apenas em “discursos” e quando muito em uma *fraseologia*, um corpus de frases (de estereótipos): o mito desaparece, mas continua a ser, ainda mais insidioso, o mítico. (ibid., 2004, p. 63, grifo do autor)

É esse *corpus* de frases disseminado em nossa cultura que faz com que comportamentos típicos, engraçados ou exagerados ganhem a forma de uma caricatura. Em que as particularidades, em geral as mais salientes, ganham destaque. São frases como: “É verdade que em Pelotas há uma placa que diz: Venha comer nozes?”; “O ar de Pelotas é tão fresco”; “Pelotas é polo de exportação de veados” que consolidam o mito.

Recentemente, na eleição de 2012 o jovem político Eduardo Leite do PSDB foi eleito prefeito da cidade. Apesar da pouca idade possui uma trajetória política respeitada e admirada. Sujeito competente, carismático e bonito. No entanto, não foram os feitos políticos de Eduardo que o deram notoriedade nacional. Milhares de comentários e especulações acerca da então eleição do “prefeito gato”<sup>8</sup> e de uma foto dele ter caído na mídia e nas redes sociais fez logo, com que suas qualidades fossem imediatamente relacionadas ao mito da cidade<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup>Disponível em: <<http://acapa.virgula.uol.com.br/lifestyle/eduardo-leite-o-prefeito-gato-de-pelotas-se-joga-em-festa-fervida-de-sao-paulo/1/15/21130>>. Acesso em: 27 junho 2013.

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/politica/eleicoes-2012/noticia/2012/11/antes-de-dirigir-pelotas-prefeito-eleito-lida-com-a-exposicao-no-facebook-3936778.html>>. Acesso em: 27 junho 2013.

Desse modo a notícia foi amplamente divulgada e, mesmo que o termo “gay” não fosse mencionado explicitamente, outras frases de efeito davam conta do sentido<sup>10</sup>.

#### CARISMA E BELEZA = HOMEM AFEMINADO = HOMEM GAY

No exemplo percebemos que um novo significado produziu um mesmo significante, porém com um novo sentido. Desta forma, Barthes (1980, p. 214) reforça a ideia de que o mito é um sistema duplo e que constitui uma espécie de ubiquidade: “[...] o ponto de partida de um mito é constituído pelo ponto final de um sentido. [...] a significação de um mito é construída por uma espécie de torniquete incessante, que alterna o sentido do significante e sua forma [...]”.

Não há uma tentativa de exorcizar este estereótipo, tão pouco de diminuí-lo. No entanto, é fato que o mito não agrada aos moradores da cidade – em geral aos homens. No intuito de conter o mito, pouco se fala no assunto entre a população. Para Barthes (2004, p. 270) pôr o estereótipo a distância é uma tarefa crítica e que visa pôr a linguagem em crise. Em primeiro lugar a destruição de um estereótipo pressupõe o isolamento de uma ideologia arraigada ao íntimo de uma sociedade e, em segundo exige um afastamento do razão mecanicista “que faz da linguagem a simples respostas a estímulos ou de acção”.

Na tentativa de acabarem com o estereótipo traçado para o prefeito, fãs de Eduardo aproveitaram a fama de gay e fizeram um trocadilho com o nome do famoso personagem do livro “*50 tons de cinza*”: o personagem Christian Grey<sup>11</sup>. Criaram uma página no *facebook* com notícias sobre o prefeito ídolo a fim de desmitificar seu comportamento afeminado e dando destaque a fatos políticos, sociais e estéticos.

Para Barthes (2004, p. 270), não é possível destruir o estereótipo, nem ultrapassá-lo, pois “os operadores da linguagem não têm em seu poder outra actividade que não seja a de esvaziar o que está cheio”. Nem mesmo dados estatísticos acabaram com a fama dos gays de Pelotas. No último Censo realizado em 2011, o IBGE apontou dados que refutavam o mito. Na qual em um ranking entre as cidades brasileiras que possuíam maior número de homens gays, Pelotas ocupou a 252º posição<sup>12</sup>.

---

<sup>10</sup>Disponível em: <<http://revistaladoa.com.br/2012/11/noticias/eduardo-leite-futuro-prefeito-perfeito-pelotas>>. Acesso em: 27 junho 2013.

<sup>11</sup>Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/50tonsdeEduardoLeite>>. Acesso em: 28 junho 2013.

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,numeros-do-censo-refutam-lenda-popular-sobre-cidades-gays,736930,0.htm>>. Acesso em: 07 julho 2013.

## Considerações Finais

A representação de Pelotas como a “Cidade dos Doces” assume uma forma positiva, na medida em que projeta a cidade no âmbito nacional e atrai visitantes de todo país, que vão em busca de uma atração gastronômica que revela um potencial industrial e turístico da cidade. Porém, quando comparada a hábitos sofisticados e elegantes da população masculina de uma cidade e associação da palavra doçura com frescura, esta representação é considerada pejorativa, pois fere um perfil de masculinidade traçado pelos rio-grandenses de “gaúcho macho”.

O mito de “Cidade de Gays”, também poder ser vista como positiva, por uma parcela da coletividade pelotense, quando faz com que a cidade seja notícia e se projete em âmbito nacional. No entanto, o mito assume seu ponto negativo quando nos aproxima do discurso das sexualidades e revelando o quanto ele é preconceituoso.

Dessa forma, “Cidade dos Doces” ou “Cidade de Gays” são para a semiologia representações simbólicas transmitidas pela sociedade de geração em geração. Tais representações geram o mito que funda ou sustenta tradições ou comportamentos. Serão esses comportamentos: os estereótipos. Nessa relação simbólica entre os sistemas – mito e estereótipo - compõem um organismo vivo e complexo que se relaciona com diversos fatores: sociais, culturais, políticos, econômicos, entre outros.

Por fim, ressalto que, seja o mito relacionado ao alimento doce ou a *doçurados* homens, Pelotas é e sempre será a minha cidade - meu local de origem. Seja rica, seja pobre, seja simples, ou seja, nobre, “não há quem te iguale no esplêndido brilho, de Pelotas a terra formosa, tenho orgulho também de ser filho”<sup>13</sup>.

## Referências

BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo: DIFEL, 1980.

BARTHES, Roland. *Rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

---

<sup>13</sup> Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/nutep/infogera/hino\\_pelotas.htm](http://www.ufrgs.br/nutep/infogera/hino_pelotas.htm)>. Acesso em: 07 julho 2013.

MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: EDUFPeL: Coedição Livraria Mundial, 1993.